

## ENSINAR UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Carlos Ceia

O actual contexto de ensino a distância através do programa #EstudoEmCasa e da RTP Memória trouxe uma grande novidade para muitos educadores: os professores de língua estrangeira (LE) ensinam integralmente nessa língua. Muitos pais/educadores, surpreendidos, vendo a dificuldade dos seus filhos em acompanhar essas aulas, tentaram fazer tradução simultânea do que estava a ser leccionado e reclamaram que os programas gravados fossem acompanhados de tradução (ou legendagem) das aulas para que todos os estudantes pudessem entender o discurso da aula. Para os professores de LE, é uma questão antiga, resolvida para a maior parte da comunidade internacional de professores e investigadores. Nos últimos 20 anos, publicou-se no mundo uma extensa bibliografia sobre os méritos das duas opções metodológicas: 1) usar sempre a LE; 2) usar maioritariamente a LE, mas recorrendo também à língua materna (L1) quando necessário. Em Portugal, quer na formação inicial de professores quer na prática das salas de aula nos ensinos básico e secundário, a primeira opção tem sido a escolhida, embora existam professores que, quase sempre por força das dificuldades de compreensão dos alunos de LE, optem também pela segunda solução. Tentarei defender aqui a mais-valia da opção de imersão total na LE, desde o início da sua aprendizagem.

Os pais devem resistir à tentação de fazer tradução directa e simultânea de tudo o que os professores de LE estão a dizer, porque nenhum estudante aprende assim. Eles, os estudantes de todas idades, estão preparados para uma aula de LE em LE, a qualquer momento, mesmo que tenham sido treinados num método misto anteriormente a esta experiência do #EstudoEmCasa. O cérebro das crianças e dos jovens adapta-se facilmente a 30 min de uma aula numa LE, mesmo que nunca o tenham feito. Pelo contexto da explicação do professor, pelas imagens, pela música, pela repetição, os jovens cérebros vão assimilando tudo. Se os pais/educadores interferirem nesse processo, fazendo tradução simultânea, os estudantes não conseguem assimilar o discurso do professor, o seu ouvido não se treina, o seu processo

mental de descodificação de uma mensagem em língua estrangeira não funciona da mesma forma. Por outro lado, um estudante treinado desta forma errada vai acomodar-se a essa facilidade de tradução simultânea para a sua língua e o seu processo de desenvolvimento educativo vai ser muito mais demorado do que o dos estudantes que, desde os primeiros anos de escolaridade, se habituem ao método de imersão total na língua estrangeira. Só estes aprendem, gradualmente, a pensar na língua estrangeira, por exemplo quando estão a escrever, evitando assim erros de tradução, por contaminação da língua materna.

O argumento intercultural de uso da L1 nas aulas de LE é, a meu ver, inadequado: o professor de LE não necessita da L1 para fazer inferências interculturais ou de cruzamento de referências das várias culturas representadas na sua sala de aula, porque o pode fazer no uso da LE, o que até pode reforçar o sentido de internacionalidade desses referentes culturais, reforçando o sentido de identidade dos estudantes que os representam.

Finalmente, o argumento a que os pais/educadores são muito sensíveis: os estudantes com mais dificuldades não aprendem com o método de imersão total na LE, porque não compreendem o discurso da aula. É preciso confiar nas capacidades cognitivas dos estudantes – de todas as idades e de todos os níveis: todos acompanharão o ritmo das conversações, a memorização do vocabulário, o treino da fluência, a descodificação das inferências interculturais, etc. Em ritmos diferentes, cada um aprenderá um determinado conjunto de dados e de informação. Chegarão, inevitavelmente, a um nível de desenvolvimento diferente no final da escolaridade, o que é perfeitamente natural. O que se deve evitar é que os estudantes se treinem na comodidade da tradução simultânea, sem que o seu cérebro treine a capacidade de descodificação da mensagem em LE. Muitos atrasos de aprendizagem da língua estrangeira são irrecuperáveis, ou dificilmente recuperáveis, por essa razão: porque, gradualmente, o estudante não desenvolveu capacidades de raciocínio autónomo na LE e ficou “preso” num processo que o impede de comunicar e escrever sem o auxílio permanente da L1. Os estudantes que chegam mais longe e mais rápido nos níveis de aprendizagem de uma LE são quase sempre aqueles que foram treinados unicamente nessa LE.

**Leituras recomendadas:**

Crawford, Jane: "Language Choices in the Foreign Language Classroom: Target Language or the Learners' First Language?", April 1, 2004,

<https://doi.org/10.1177/003368820403500103>

Greggio, S., G. Gil: *Teacher's and learner's use of code switching in the English as a foreign language classroom: A qualitative study. Linguagem & Ensino*, 10(2), 2007, 371-393.

Stanley, K.: "TESL-EJ Forum—Using the First Language in Second Language Instruction: If, When, Why and How Much?", *TESL-EJ* 5.4: F1-19, 2002.

Storch, N., and G. Wigglesworth: "Is there a role for the use of the L1 in an L2 setting?" *TESOL Quarterly*, 37(4), 2003, 760-770.

Swain, M., & Lapkin, S.: "Task-based second language learning: The uses of the first language". *Language Teaching Research*, 4, 2000, 251-274.

Turnbull, M. and K. Arnett: "Teachers' Use of the Target and First Languages in Second and Foreign Language Classrooms", *Annual Review of Applied Linguistics* 22, 2002, 204-218.